

# A reforma do ensino deve ser cautelosa

**As experiências de reforma educacional dos países desenvolvidos são úteis. O perigo é copiá-las sem crítica**

Cláudio de Moura Castro

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação está por ser revista. Voltamos assim a discutir a veneranda questão: Onde pendurar a formação profissional? Certamente, ela merece ser discutida. Há pesados custos nesta formação e há também o futuro de uma geração e as conseqüências para o país de soluções desastrosas.

Como em todas as ocasiões deste gênero, são momentos em que se confrontam as utopias com as defesas da ordem (ou da desordem?) reinante. O momento abre possibilidades de mudanças bem-vindas e corajosas, tanto quanto para reformas trapalhonas e irrealistas — como a de 1970 que obrigou todas as escolas de segundo grau a se tornarem profissionalizantes.

Falta a alguns a coragem de mudar e enfrentar o desconhecido. Sobra ingenuidade e desconhecimento da natureza das organizações aos que propõem reformas mirabolantes. Andando na contramão das pessoas que inevitavelmente vão implementá-las, não há reforma que dê certo.

Há uma arte de reformar e consertar instituições. É como saber equilibrar-se em uma estreita pinguela. É preciso evitar cair no lado do excesso de temores e das oportunidades perdidas. Do outro lado, desaba-se no mundo dos sonhos impossíveis, cheios de emendas piores do que os sonetos.

Uma saudável vacina contra as utopias impossíveis é ver como outros países resolvem tais problemas. Embora cada país tenha as suas coisas próprias e que as instituições que vicejam em um possam falhar em outros, há sempre muito a se aprender nestes passeios internacionais. Proponho duas regrinhas práticas para rever estas experiências. Primeira: o que funciona acolá pode não funcionar dentre nós. Segunda: o que não funciona acolá corre graves riscos de também não funcionar dentre nós (Cabe ao proponente mostrar porque falhando alhures funcionará conosco).

Vejamos como os países industriais organizam a sua formação profissional. Começemos a nossa volta ao mundo com os três países cujos sistemas são unanimemente tomados como o modelo de maior êxito: Alemanha, Suíça e Austria. Fixemo-nos na Suíça (os outros apresentam pequenas variações que não têm conseqüências para os argumentos aqui apresentados). Ao chegar ao décimo ano de escolaridade, três quartos dos alunos deixam a escola regular para entrar nos cursos de aprendizagem. Ali eles passam quatro anos, a metade do tempo trabalhando em uma empresa e a outra metade em um centro de treinamento, estudando matérias tecnológicas, linguas, matemática, ciências etc. Ao fim disto tudo,

submetem-se a um exame. Há 300 profissões oferecidas, indo desde ferreiro a funcionário de banco. Note-se que ao entrar para o programa os aprendizes se separam dos seus colegas que se encaminharão para a universidade e perdem também o direito de postular a sua entrada no ensino superior. Suas carreiras fecham a opção universitária no momento da matrícula na aprendizagem. Mas nem por isso estão bloqueados em sua trajetória ocupacional. Não são poucos e nem raros os diretores de bancos suíços que começaram como aprendizes — e, portanto, não têm curso universitário.

As principais características do sistema são o alto prestígio destes cursos de aprendizagem, a solidez teórica e prática da formação recebida e a proximidade dos cursos ao mercado de trabalho. Conhecido como Sistema Dual (por combinar trabalho e estudo), é o cavalo de batalha da assistência técnica alemã que tenta exportá-lo a qualquer custo para outros países. Estes esforços muitas vezes não foram bem-sucedidos, por conta de dificuldades de coordenar o emprego com o curso, mais o acompanhamento nas empresas e outras complicações práticas.

O sistema francês é bastante diferente. É importante frisar que teve muitos imitadores. Portanto, entender o sistema francês é entender muito do que acontece pelo mundo afora.

A maioria dos jovens franceses frequenta cursos que têm, pelo menos no papel, o mesmo nível acadêmico (isto é, não impedem o acesso à universidade). Mas note-se que não é um sistema único onde todos os alunos frequentam a mesma escola. A partir do início do secundário, aparecem as bifurcações. Sem entrar nos detalhes, há o caminho do "collège" para os academicamente mais ambiciosos e que visam a um curso superior. E há o caminho dos liceus técnicos que oferecem uma formação profissional. Embora as portas das universidades não estejam legalmente fechadas para este segundo grupo, na prática o acesso é difícil.

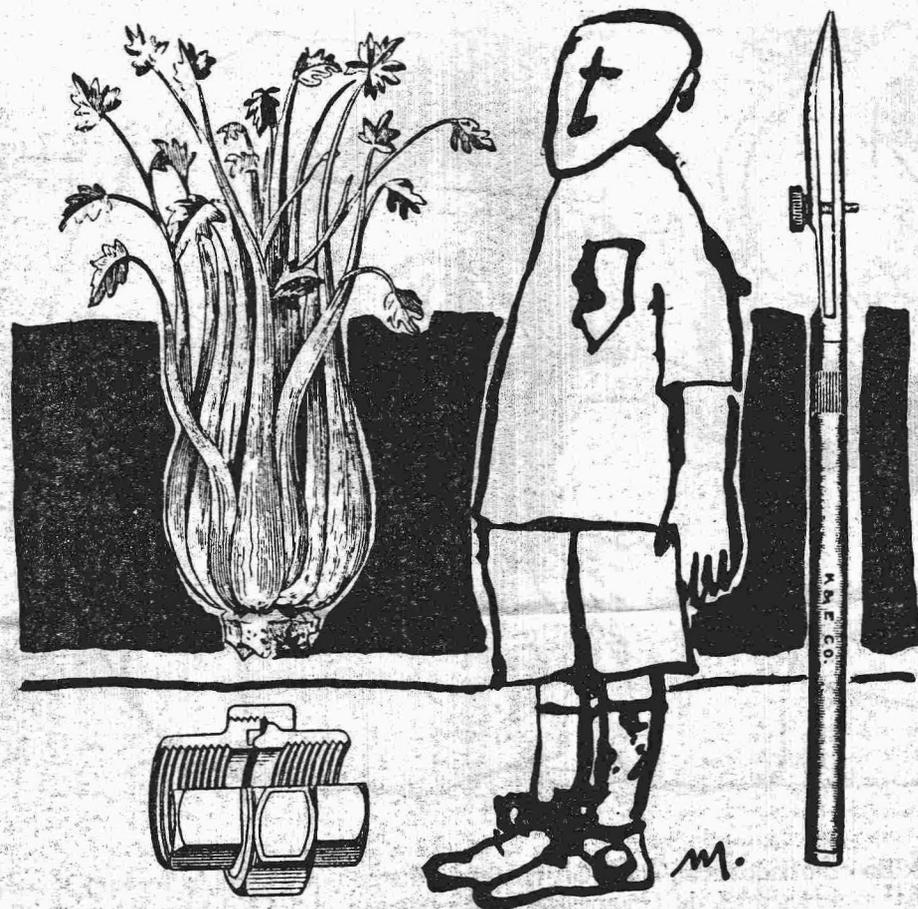
Vale enfatizar que estes liceus técnicos tendem a ser de boa qualidade, tanto na parte prática quanto na teórica. Sua desvantagem principal reside em uma certa rigidez curricular e no seu distanciamento dos mercados de trabalho. Os ministérios da educação, aqui como lá, são pesados e pouco sensíveis às necessidades das empresas. Para compensar tal rigidez, a França é pródiga em cursos avulsos de curta duração, em muitos casos, ligados a um sistema remanescente ao nosso SENAI (desconto em folha de um tributo para formação profissional).

Mas quando reproduzido em países em desenvolvimento, os liceus técnicos nem sempre sobrevivem bem. Suas fraquezas, toleráveis na França, são amplificadas nestes países. A menor aceitação das ocupações manuais nas sociedades menos industriais reduz excessivamente o seu prestígio. Dificuldades financeiras minam a parte profissional dos currículos. A dinâmica das escolas distancia os programas do mercado de trabalho. Não se pode dizer que seja um sistema falido nos países que o adotaram. Há diversos casos de êxito, pelo menos parcial. Mas tampouco é um sistema muito robusto.

Outro sistema muito importante em termos de sua influência sobre outros países é o americano. Sua característica mais marcante é manter até o fim do segundo grau todos os estudantes sob o mesmo teto.

E a chamada escola "compreensiva", politécnica ou diversificada. Tudo que é para acontecer antes do ensino superior é feito ali mesmo. Latim, solda, meditação transcendental, cestaria e matemática compartilham o mesmo prédio. A beleza do sistema é que todo o grupo permanece junto até o fim do secundário, não havendo triagens progressivas, onde alguns são desviados para as formações profissionais e outros mantidos nas avenidas que conduzem à universidade.

Por estas razões, este sistema se mostra muito sedutor para outros países. Curiosamente, atrai grupos muito disparatados. Atrai aqueles mais preocupados com equidade e igualdade de oportunidade, geralmente, grupos situados mais à esquerda. Mas atrai também aqueles que tiveram muito contato com os Estados Unidos — e que tendem a estar mais para a direita.



Tal como o sistema francês, trata-se de uma solução muito imitada. O Banco Mundial, sempre muito a reboque das maneiras americanas de fazer as coisas, financiou no Brasil muitas escolas deste tipo. Ainda que não admitam a influência americana, muitos outros países tendem a sair com coisas parecidas. Esta é uma solução meio inevitável quando se tenta manter todos os estudantes juntos até o fim do secundário.

Infelizmente, este parece ser um dos modelos de mais difícil aclimação em países menos industrializados. Tal como o modelo francês, aqueles defeitos que são toleráveis em seus países de origem tendem a se amplificar na periferia. Viram monstros feios quanto distanciados das luzes da industrialização. Nos próprios Estados Unidos, como nos revela um relatório da Carnegie Commission, o êxito da "comprehensive school" em oferecer formação profissional é altamente discutível. Já que a escola não pode permitir a evasão dos seus alunos, os mais problemáticos são empurrados para os ramos profissionalizantes. Isso é quase uma punição. Cria-se então dentro da escola um processo de triagem e segmentação dos alunos.

Em comparação com outros países que triam os alunos e os enviam para escolas diferentes, este sistema pode até ser pior, por estar o aluno cotidianamente defrontado com seus pares que seguem os caminhos prestigiosos da universidade. Todavia, em países como os Estados Unidos, onde atividades manuais são muitíssimo menos estigmatizadas do que no nos-

cientos. Como disse um americano, havia demasiada ênfase na produção, descuidando a distribuição e o consumo.

Em nosso país, uma rigorosa regulamentação em certo estágio sufocou nossa economia — que, de modo semelhante, sofreu devido à ênfase demasiada sobre a produção pela produção.

Hoje, estamos sendo criticados por introduzir elementos do mercado capitalista, supostamente minando as empresas estatais e, portanto, o socialismo. Mas, na verdade, nosso sistema econômico está sofrendo um ajustamento, uma mudança em sua trajetória. Algo semelhante aconteceu nos EUA há 60 anos.

É bom lembrar algumas opiniões debatidas na sociedade americana naqueles anos. Segundo o co-

nhecimento mais e a força não é um fator, magoados sentimentos nacionais vieram à tona. Mas o paradoxo é que a energia nacional que teve as rédeas afrouxadas pela *perestroika* é prejudicial à *perestroika*, quando assume formas radicais, exageradas.

Não fazemos segredo dos problemas existentes nas relações entre as repúblicas, regiões autônomas e o centro. São, entretanto, problemas políticos e, em princípio, podem ser resolvidos com a ajuda do centro. Os problemas de relações étnicas que causam separatismo são mais difíceis de resolver. Como foi concebida, a *perestroika* deve resultar na união de nossas nações numa base fundamentalmente nova.

Estou convencido de que muitas tensões serão removidas ou, no mínimo, aliviadas pela expansão da economia, maior independência econômica das na-

ções, melhor legislação e um genuíno império da lei. Por mais paradoxal que possa parecer, em nossa sociedade super-regulamentada, o mecanismo regulador — a lei — tem-se mostrado fraco. A reforma política, pela primeira vez na história do nosso estado, nos habilita a projetar e adotar leis que reflitam a vontade e os interesses do povo.

□ □ □

Já não vivemos numa época em que alguns estados ou mesmo um importante grupo de estados possam decidir tudo no mundo. Hoje precisamos de um consenso, uma abordagem internacional dos problemas globais — não porque seja um imperativo moral, mas por razões objetivas, porque o mundo é um todo único e independente, no qual o

chamado Terceiro Mundo já desempenha e continuará a desempenhar um papel cada vez mais importante.

Tracemos novamente uma analogia com o passado da América. Não estaremos agindo como aqueles políticos que não viam grande perigo na crise de 1929 e esperavam que esta passasse por si própria?

Bem diante de nossos olhos, o mundo está resvalando para uma profunda depressão econômica. A dívida das nações do Terceiro Mundo, os juros que têm de pagar e o ritmo de seu desenvolvimento econômico — não são sinais de uma crise iminente? A resposta, entretanto, tem sido a mais inadequada. As medidas adotadas até agora só podem mitigar temporariamente ou retardar algumas tendências. Não oferecem uma saída ou uma solução. São necessárias medidas radicais, ousadas, uma espécie de *New Deal*, uma transição para uma política que leve os países em desenvolvimento para a revolução científica, tecnológica e informática. Será necessário superar uma certa barreira psicológica, ir além das preocupações nacionais e começar a pensar em termos globais.

Na verdade, demoramos a adotar o novo pensamento. Serão necessários enormes esforços para recuperar o tempo perdido. E isso não é fácil.

É minha convicção que a primeira coisa que devemos rejeitar e abandonar é o total e generalizado controle ideológico em nossas relações. Continuaremos diferentes, cada um com seus próprios interesses e suas próprias realidades. À primeira vista, nossos conjuntos de conceitos são incompatíveis. No entanto, se algumas de suas camadas externas forem removidas, pode-se verificar que estamos falando das

mesmas coisas — liberdade, igualdade e justiça. Isso possibilita a formulação de um amplo consenso internacional baseado nas idéias de solidariedade humana universal, nos direitos e liberdades do indivíduo, e numa preocupação com a paz e o ambiente natural e espiritual do homem.

A dissuasão nuclear mútua é outra fonte de tensões. Não simplifiquemos demais nossa atitude em face disso, embora, devo admitir, nós mesmos sejamos freqüentemente culpados dessa supersimplificação.

Damos o devido crédito a essa doutrina, reconhecendo que por um longo período de tempo foi de certa utilidade para manutenção da paz. A questão, entretanto, é que os novos tempos exigem uma nova política, porque a dissuasão nuclear perpetua inevitavelmente as relações de confronto entre os estados.

Estamos convictos de que as armas nucleares devem ser abolidas. Na verdade, temos necessidade de pensar quais os nossos rumos e qual deve ser o ideal realista de nossa coexistência. Conhecemos bem o código de confronto e os limites da escalada, mas temos pouco conhecimento das regras de ação conjunta e cooperação. Não será tempo de começar a preencher essa lacuna?

□ □ □

Aos que continuam a refletir sobre o problema de ajudar ou não à *perestroika*, gostaria de dizer que, se pensam em termos de caridade, estão enganados. Não estamos pedindo isso. A cooperação entre nós tem de ser mutuamente benéfica, atendendo aos interesses de ambos os lados.

Agora, estamos adotando medidas firmes, incluindo ação legislativa, para tornar nossa atividade empresarial compatível com a de vocês. Não é uma caminhada fácil. É provável que surjam problemas, particularmente devido à não conversibilidade do rublo.

Saudamos a declarada disposição do governo Bush para tornar a política regional livre de elementos de rivalidade entre os URSS e os EUA, entre o Leste e o Ocidente. Esse "desengajamento" já começou, produzindo resultados práticos em várias regiões.

Não estaria sendo sincero se dissesse que os resultados até agora são plenamente satisfatórios. Não são. Os conflitos continuam, e nossos esforços nem sempre são coerentes e às vezes não produzem os resultados desejados. Mas foi dada a partida, e devemos nos basear no equilíbrio de interesses criado através dos esforços de ambos os lados.

O fato de ter sido tão difícil lançar as bases para nossa cooperação é um bom motivo para termos esperança de que as fundações são sólidas. Pois qualquer grande estrutura pode ser realmente sólida se está apoiada em interesses nacionais ou simplesmente humanos. Se esses interesses são apoiados por sentimentos e pensamentos genuínos. Se são sustentados pela vontade de proteger os resultados do trabalho feito.

Para concluir, permitam-me enfatizar minha convicção de que a coragem é a coisa mais importante na política de hoje. Atualmente, não basta ser um realista que vê a vida como ela é. Além disso, é preciso visão e até idealismo e um agudo senso de inovação. Olhemos para a frente, para o futuro, em vez de nos mantermos voltados para o passado.

\* Nota da redação: O 28º Congresso do PC da União Soviética será realizado em outubro de 1990.



hecido historiador econômico George Soule, durante os primeiros anos da Grande Depressão falou-se muito da probabilidade de uma revolução na América e da conveniência de alguma forma de comunismo no país. Pode-se ler sobre tudo isso no número de agosto de 1932 da revista *Harper's*. E, de fato, forças poderosas procuraram frear as reformas de Roosevelt. Basta lembrar quantas vezes a Suprema Corte decretou que suas medidas de regulamentação econômica eram inconstitucionais. A comunidade dos negócios sabotou-as abertamente.

Mudanças na balança de um país como o nosso provocam debates, discussões e previsões de desastre iminente. Mas estou convencido de que só se pode discutir a velocidade com que a economia soviética pode mudar para uma nova forma de operação, e não sua capacidade de adaptação.

Reconhecemos que nosso partido não tem sido capaz de acompanhar o ritmo da *perestroika*, da democratização e renovação de nossa sociedade. Isso, também, não deve ser superdramatizado, pois devemos ter em mente que o partido continua a operar principalmente dentro de suas velhas estruturas pré-*perestroika*. Precisamos de uma nova constituição para o partido, que será adotada no 28º Congresso do PC. \* No próximo estágio, será preparado novo programa partidário.

O problema das relações interétnicas tornou-se preocupação extremamente grave para nós. Para ser honesto, deve-se dizer que ele sempre teve arestas agudas, às vezes amortecidas pela propaganda ou forçosamente suprimidas. Agora que a propaganda

Estamos  
sendo  
criticados  
por estarmos  
minando as  
bases do  
socialismo

so, essa separação não tem conseqüências tão deletérias.

Parece haver um certo consenso entre os pesquisadores que acompanhavam estes assuntos: o modelo da escola polivalente ou politécnica de nível secundário é o que mais sistematicamente fracassa, fora de ambientes como Estados Unidos, Suécia ou Israel. Mas note-se que nos Estados Unidos, há também uma rede pequena mais importante de cursos técnicos de nível secundário que correm paralelo as "comprehensive high schools". Estes são cursos fortemente especializados em certas famílias de ocupações, nada tendo em comum com o secundário convencional que tenta fazer tudo ao mesmo tempo. Por outro lado, boa parte das ocupações qualificadas passa cada vez mais a ser oferecida ao nível pós-secundário, sobretudo nos "community colleges".

Vale mencionar pelo seu peso e importância quantitativa os estilos do Leste Europeu. Nas suas linhas gerais, o que ali se faz não difere muito da estrutura francesa. Nestes países, a formação profissional se dá principalmente em escolas profissionais de nível secundário, correndo paralelo às escolas acadêmicas que são voltadas para preparar candidatos à universidade. A grande diferença é o gigantesco porte deste sistema de cursos secundários profissionais, em contraste com a alta seletividade dos secundários acadêmicos. Ao contrário da França, a maioria esmagadora é encaminhada para o profissionalizante. Países como a Alemanha Oriental oferecem este profissionalizante a quase toda a faixa etária e os demais países não deixam por muito menos.

No embalo da *perestroika*, a maioria destes países (exceto a Alemanha do Leste) está reformando o seu sistema profissionalizante. Ainda é cedo para dizer exatamente o que vai acontecer. Contudo, algumas tendências parecem já claras. Há descontentamento com o desempenho dos secundários profissionalizantes. Estão muito distanciados dos problemas reais das indústrias, tendem a ser rígidos em demasia e respondem com muito atraso à evolução tecnológica. Buscam-se hoje soluções mais leves, flexíveis e com laços mais estreitos com as indústrias. As propostas vigentes tendem a deixar o secundário com um currículo bem mais geral e com menos pretensões de preparar para o mercado de trabalho. Ficaria a verdadeira profissionalização para cursos técnicos subsequentes e mais especializados. Um modelo similar aos "community colleges" americanos está sendo proposto. Busca-se também aproximar mais a formação profissional do mercado de trabalho. Veja-se, por exemplo, que na Bulgária cresce o número de programas operando com cursos encomendados pelas empresas e financiados também por elas.

A América Latina, apesar de pouco inspirada para questões de educação, na área de formação profissional gerou seu próprio modelo, inaugurado nos idos de 1940 pelo SENAI. De certa maneira, é uma mutação do sistema suíço-alemão. Coincide com este em oferecer a formação profissional em centros desvinculados do sistema acadêmico (e do Ministério da Educação) e por ter laços mais estreitos com o setor produtivo. A grande diferença é que a combinação simultânea de emprego e treinamento revelou-se difícil de operacionalizar em

grandes escalas. A solução, praticamente universalizada no continente, é oferecer a formação profissional em tempo completo e, em seguida, conduzir o jovem aprendiz a um estágio nas empresas. Em linhas gerais, o sistema vem apresentando bons resultados. Um relatório recente do Cinterfor/Banco Mundial mostra um balanço muito lisonjeiro para esta fórmula latino-americana de formação profissional em centros especializados e relativamente próximos do mercado de trabalho.

O Japão distingue-se dos demais países industrializados por concentrar a formação profissional nas grandes empresas. O secundário, de excelente qualidade e muito competitivo, apenas oferece um programa geral com muita matemática e ciência. A preparação para o trabalho é feita nas empresas depois de contratado o jovem. Pela sua própria natureza, tal sistema só pode funcionar no Japão, onde a rotatividade do pessoal entre empresas é próxima de zero. Note-se também a fragilidade da

Como ficamos nisso tudo, diante dos reacionários e dos utópicos que breve se defrontarão, brigando pelos seus modelos?

Uma das lições principais que se pode derivar disso tudo é a fragilidade das soluções que propõe a coabitação da formação acadêmica com a formação profissional. Este tem-se revelado um casamento com incompatibilidade de gênios. De resto, mesmo os países do Leste Europeu jamais fizeram conviver nas mesmas escolas os que vão para a universidade e os que necessitam adquirir ofícios manuais especializados. Mais ainda, nestes países, a própria solução mais branda dos secundários profissionalizantes está em via de reforma.

Uma advertência ao apontar tais exemplos é que são todos de países ricos que se podem permitir certos luxos. Por exemplo, quando se descobre que a "high school" americana não profissionaliza, a conclusão filosófica é que pelo menos aprenderão a consertar ferro de engomar ou pendurar quadros na parede.

Ora, em nosso país estamos longe de poder nos permitir tais prodigalidades. Antes de oferecer "hobbies" a jovens de classe média temos que atender aos que necessitam de uma profissão.

Cuidado adicional deve-se ter ao definir o que níveis serão oferecidos este ou aquele tipo de profissionalização. Não é porque assim se faz nos Estados Unidos que devemos fazer igual. Já fizemos o erro de oferecer profissionalização em níveis altos demais, todos os que tão longe chegavam já haviam perdido o interesse por tais carreiras. Pelo fato de que dá certo preparar lanterneiros nos "community colleges" americanos não significa que devemos fazer igual. Quem chega ao ensino superior no Brasil não se presta a desentortar pára-lamas.

Que aprendemos disto tudo? Tentemos encontrar alguns denominadores comuns.

- (i) Há uma hierarquia de prestígio e *status* nas ocupações. Quando instituições misturam sob seu teto áreas muito dispares, há um grande perigo de que se depreciem de tal modo as de *status* mais baixo que se frustrará o ensino destas menos prestigiadas. Daí que no ensino vocacional funcionam melhor as instituições especializadas (dentro ou fora do sistema formal) que, separando os alunos, podem criar uma atmosfera mais propícia ao que tentam ensinar.
- (ii) As instituições secundárias de cunho acadêmico e que conduzem ao ensino superior tendem a ter dificuldades em aproximar-se o bastante das necessidades do setor produtivo. E sem esta aproximação, torna-se maior o risco de disfunções graves.
- (iii) É muito difícil mudar as instituições segundo os nossos desejos. Contudo, não é muito difícil destruí-las nestas tentativas de mudança.

São muito salutares os esforços de rediscutir nosso ensino profissional. Mas não tem sentido repetir em grande escala experimentos que falharam alhures, às vezes até em condições mais favoráveis. Novidades radicais devem passar por etapas experimentais onde sejam testadas em pequena escala, para que não seja muito grande o prejuízo se não derem certo. O que dá certo em projetos-piloto pode ser candidato a uma vigência mais ampla. O que falha nesta fase é candidato, no máximo, a um enterro de luxo.



Na high school pelo menos os estudantes aprenderão a consertar ferro de engomar

preparação dos que vão trabalhar em pequenas empresas.

Finalmente, por uma razão muito especial, vale mencionar o sistema inglês. No bojo da crise econômica que abalou aquele país nas últimas décadas, houve uma grave deterioração no volume e na qualidade da formação profissional. Como resultado, há hoje consenso acerca das conseqüências nefastas que este desinvestimento teve sobre a indústria britânica. Apesar de que se recuperaram os níveis de gastos com treinamento e que algumas soluções altamente inovativas foram criadas, o país ainda paga o preço de ter permitido uma queda na qualidade da sua força de trabalho. Que esta lição não passe despercebida das nossas gentes!

**É muito difícil  
mudar as  
instituições segundo  
os nossos desejos.  
Mas não é difícil  
destruí-las nas  
tentativas de mudanças**